

A Grande Potência da Cultura

A Expansão da China na América Latina e no Caribe*

TENENTE ANDRES ANELLO, USAF

TERCEIRO-SARGENTO MARCOS ALFONSO, USAF

Este artigo detalha as incursões significativas da China na América Latina e no Caribe (ALC) a partir da perspectiva dos instrumentos do poder nacional: diplomacia, informação, defesa e economia (DIME pelas siglas em inglês – Defense, Information, Military and Economy). A Estratégia Nacional de Defesa de 2018 reverteu as prioridades com o ressurgimento da concorrência estratégica de longo prazo, identificando a China e a Rússia como os principais concorrentes dos EUA. Em consequência disso, os EUA despertaram de um mundo unipolar e de duas décadas da guerra global ao terrorismo para um mundo multipolar emergente e o crescimento acelerado da China. Em uma declaração ao Comitê de Serviços Armados do Senado pelo Comandante do Comando Sul dos EUA (US-SOUTHCOM), o Almirante Craig Faller demonstrou como atores externos como China, Rússia e Irã expandiram sua influência na ALC e como estão “desfocando as linhas do que constitui ameaça militar por meio da coerção econômica, roubo sistemático da tecnologia, campanhas de influência e atividade cibernética maliciosa.”¹

Todos os Caminhos Levam a Pequim, Cinturão e Rota da China (BRI)

Para avaliar como a China está aumentando seu poder suave na ALC é importante compreender o que é a política Cinturão e Rota (Belt & Road Initiative, BRI) da China e como ela se manifestou em outras partes do mundo. BRI é a política econômica maciça da China, dirigida aos mercados emergentes, lançada em 2013 pelo presidente chinês, Xi Jinping. A BRI busca vincular os mercados globais economicamente à China por meio de projetos de infraestrutura, como ferrovias, redes elétricas e portos. Na prática, observamos a implementação da BRI no centro, ocidente e sul da Ásia e a África por meio da distribuição de empréstimos predatórios maciços (que, em geral, os países beneficiários não conseguem pagar), acordos de infraestrutura e pela exportação da tecnologia chinesa.²

*Esta pesquisa foi originalmente conduzida como parte de uma apresentação feita no 6º Simpósio Anual de Língua, Perícia Regional e Cultura da Air University (outubro de 2021).

A BRI pode ser dividida em três partes distintas: vias terrestres tradicionais (Rota da Seda), vias marítimas (Rota da Seda Marítima) e uma linha digital emergente de comunicação (Rota da Seda Digital). A China está utilizando a BRI para avançar sua narrativa de forma global, sustentando-a em todos os aspectos do DIME. Em resumo, a BRI da China é um desafio econômico e político importante para os EUA e seus aliados.

Diplomacia: das Cúpulas Executivas à Assistência Humanitária

Apenas dois anos após a implementação da BRI em 2015, Pequim sediou o primeiro fórum da comunidade dos estados latino-americanos e caribenhos (Community of Latin American and Caribbean, CELAC). Neste fórum, o presidente Xi Jinping, com os líderes estrangeiros da ALC, concordou com um plano de cooperação de cinco anos (2015 a 2020) que abrangia as áreas de política, segurança, comércio, investimento, finanças, infraestrutura, energia, recursos, indústria, agricultura, ciência e o intercâmbio entre os povos.³ Em 2018, foi realizado o segundo fórum em Santiago do Chile, que atualizou e ampliou o plano de cooperação para 2021. Durante este segundo fórum, o governo da China convidou oficialmente os países da ALC para participar da BRI.⁴ Chama a atenção o fato de que EUA e Canadá foram excluídos desses fóruns econômicos. Em setembro de 2021, a CELAC realizou um terceiro fórum, desta vez no México, com a presença virtual do presidente Xi Jinping, que reiterou o compromisso da China de continuar a promover relações positivas com a região. Apesar das relações comerciais existentes com LAC, foram estes fóruns que estabeleceram as bases para a expansão da BRI na região (20 países da ALC assinaram a BRI até o momento) e os ganhos estratégicos subsequentes da China nos anos seguintes.

Mudando rapidamente para 2021, apesar de alguns retrocessos graves em relação à situação da China em quanto à origem da COVID-19 e à eficácia das vacinas chinesas, esses infortúnios afetaram minimamente o avanço da China. Em vez disso, a China tomou a iniciativa de impulsionar sua imagem pública na ALC, assumindo a liderança em fornecer ajuda médica essencial à região por enviar equipamentos de proteção pessoal e vacinas (diplomacia vacinal). De acordo com um artigo publicado pelo departamento de política externa, as exportações de vacinas chinesas em meados de maio ultrapassaram 250 milhões, sendo 165 (milhões) enviadas à ALC.⁵ Essa ajuda teve um custo para alguns; é evidente que a China está interessada em recompensar os países por seu apoio em disputas internacionais de longa data, inclusive o debate Taiwan-China. Alguns dos primeiros países a receber ajuda humanitária foram aqueles que nos últimos anos haviam cortado relações com Taiwan, como a República Dominicana, El Salvador e o Panamá, levando a comunidade internacional a se preocupar com o fato de a China estar aproveitando

a pandemia para avançar sua política externa. Em resposta a isso, o presidente Biden anunciou no dia 21 de junho de 2021 um plano de doação de 80 milhões de vacinas globalmente, das quais 14 milhões foram destinadas à ALC.⁶

Informação: Doutrinação Cultural para Estações Espaciais

Outro aspecto do envolvimento da China na região é o seu interesse em operar no domínio da informação. Esse engajamento, caso prossiga, permitirá que a China controle as narrativas em relação a algumas das concessões que já estão sendo pedidas aos países (ou seja, corte de laços diplomáticos com Taiwan) em troca de diversos acordos econômicos. No entanto, este domínio assume muitas formas, e é importante considerar todas para entender a influência generalizada da China

A China se desdobrou na exportação da cultura chinesa, ou melhor, de uma compreensão dela. A China está fazendo isso diretamente por meio dos 41 Institutos Confúcio localizados em toda a ALC, dos quais 11 estão no Brasil.⁷ Os Institutos Confúcio estão normalmente co-localizados em instituições de ensino superior e universidades, e oferecem formação linguística, facilitam o intercâmbio cultural e promovem o avanço global da cultura chinesa. No âmbito nacional, o Departamento de Estado nomeou o Instituto Confúcio dos EUA como missão estrangeira no dia 24 de agosto de 2020.⁸ No ano seguinte, no dia 4 de março de 2021, o Senado dos EUA votou para negar financiamento federal a instituições de ensino superior devido a preocupações de “influência maligna” e financiamento direto dos Institutos Confúcio pelo Partido Comunista Chinês.^{9 10}

O envolvimento chinês com a ALC assume meios físicos e digitais. No que diz respeito às redes sociais, o PCC usou contas de Twitter vinculadas a embaixadas para projetar narrativas sobre o tratamento de muçulmanos uigures na China, uma questão que tem sido objeto de preocupação global.¹¹ No domínio da tecnologia da informação, a mudança da Huawei da China para a América Latina também despertou preocupações. Devido à pressão dos EUA e dos laços estreitos do presidente Jair Bolsonaro com o governo do ex-presidente Trump, a Huawei inicialmente não conseguiu expandir sua rede 5G para o Brasil. Entretanto, em uma reviravolta, o presidente Bolsonaro permitiu à Huawei participar da licitação de contratos para o desenvolvimento da infraestrutura 5G do Brasil.¹²

Talvez a forma mais evasiva no controle no ambiente da informação seja a capacidade de coletar informações. Esta capacidade parece estar presente com o desenvolvimento de projetos como a estação de lançamento e controle geral de satélites da China (China Satellite Launch and Control General, CLTC) — Comisión Nacional de Actividades Espaciais (CONAE), na província de Neuquén, Argentina.¹³ Além dos rumores de que o local se reporta ao Exército de Libertação Popu-

lar da China (People's Liberation Army, PLA), as aplicações de tecnologia civil e militar de uso duplo são facilmente identificadas.¹⁴

Militar: Intercâmbios Militares de Nível Superior para Exercícios Militares

O envolvimento militar da China na região está aparentemente contido, mas pode se generalizar. Vários fatores são responsáveis por sua influência na área. Em primeiro lugar, a China se comprometeu com o intercâmbio de pessoal de alto nível e a participação em programas de educação militar profissional com diversos países da ALC. Em um estudo realizado pelo centro de estudos de segurança da Ásia-Pacífico, esses intercâmbios incluíram a participação em cursos na Escola das Forças Especiais “Lancers” em Toleimada, Colômbia e da Escola de Guerra da Selva em Manaus, Brasil.¹⁵

No exercício e na prática, a China deu ênfase especial à ampliação de seu ramo militar mais móvel, neste caso a marinha. A influência proposital também é codificada nas tarefas atuais de Relações Exteriores da PLA Naval (PLAN), nomeadas em uma conferência do PLAN de 2015, que detalhou tarefas como “expandir o escopo dos intercâmbios” e “fortalecer a propaganda externa” para criar uma opinião pública favorável. Nos últimos 10 anos, a Marinha do Exército de Libertação Popular (People's Liberation Army Navy, PLAN) realizou rotineiramente exercícios bilaterais e multilaterais na região. Em especial, a PLAN realizou destacamentos conhecidos como Arca da Paz na região em 2011, 2015 e 2018.¹⁶ Os destacamentos da Arca da Paz da China para a região do Caribe não fazem sentido, quando consideramos outras opções disponíveis.¹⁷ Os destacamentos da PLAN representam um esforço concentrado da China para influenciar a região em todos os domínios e recompensar os países pela adesão política.

Outra área de influência chinesa na região é a venda de armas. As principais armas chinesas foram exportadas para a Argentina, Bolívia, Equador, Peru, Trindade e Tobago, sendo que maioria foi para a Venezuela. De 2009 a 2019, a China vendeu à ALC o equivalente a 634 milhões de dólares.¹⁸ É evidente que a China usa a venda de armas como instrumento econômico e diplomático para obter influência na região.

Economia: Comércio para Megaprojetos de Infraestrutura

A última e mais importante área de influência em relação à abordagem da China na ALC é a estratégia econômica. Embora difícil de medir com exatidão, a atividade econômica da China nos últimos 20 anos tem aumentado de forma constante. No ritmo atual de crescimento, espera-se que o comércio da China e da

ALC alcance 700 bilhões de dólares até 2035 e que impulse a China a tornar-se o principal parceiro comercial da América Latina e Caribe. A China já representa mais de 40% do comércio para o Brasil, Chile e Peru.¹⁹ No entanto, ainda mais preocupante é a expansão do BRI com os países participantes da CE-LAC.²⁰ Esta expansão do BRI é acompanhada de importante investimento direto estrangeiro (foreign direct investment, FDI). O Brasil, a maior economia da região, representa mais de 40% do FDI da China na região.²¹ O investimento e empréstimos da China incluem frequentemente cláusulas e medidas para assegurar que os recursos estratégicos sejam canalizados para a China. Um exemplo seria um empréstimo de 2010 feito pela China para o Equador. Este empréstimo foi associado a um contrato de petróleo, garantindo assim consistentes vendas de petróleo do Equador para a China e assegurando valiosos recursos energéticos à China.²²

Em 2017, o Panamá cortou laços com Taiwan e tornou-se a primeira nação da ALC a assinar um memorando de entendimento não vinculativo em relação à BRI. Isto se soma aos portos operados em ambos os lados do Canal do Panamá (Balboa e Cristobal) desde 1997 por parte da China. Com a concessão do BRI, foram iniciados novos projetos de infraestrutura portuária no Panamá, especificamente a expansão do Porto de Contêineres Panamá Colón (2016), localizado na Ilha de Margarita e o Terminal de Cruzeiros do Panamá Amador (2017).²³ Este tipo de projetos de infraestrutura permite que a China tenha “propriedade estratégica” em locais-chave na ALC e em todo o mundo.

Comentários Finais: Presença e Intenções Futuras

A influência chinesa na ALC assumiu diversas formas. Entre essas, observamos distintos comportamentos. Entre esses, a capacidade de (muito rapidamente) adaptar as lições aprendidas durante a distribuição de EPI médicos para o sucesso da implantação e implementação da diplomacia de vacinas; empregar um conjunto de ferramentas diversificado para cobrar influência em todos os domínios, como demonstrado em seu envolvimento no ambiente econômico e de informação; e, finalmente, a exploração devido ao acesso permissivo em áreas anteriormente consideradas incontestáveis. Esses comportamentos representam uma aceitação da influência chinesa por parte das nações da ALC, e a disposição da China de competir principalmente no aspecto econômico na região. Ainda não se sabe se o interesse da China na ALC representa um empreendimento comercial vantajoso, uma imitação da nossa presença no sudeste asiático ou as raízes de uma nova relação intercultural entre a Ásia e a ALC. No entanto, essas incógnitas oferecem razões válidas para permanecer atento ao envolvimento da China na região. O futuro da ALC, seja o acesso a redes 5G, a criação de grandes projetos de infraestrutura ou a obtenção de privilégios portuários para navios de guerra chineses, pode estar inti-

mamente ligado a uma abordagem global bem sucedida contra os interesses dos EUA, se os EUA não derem passos para competir por influência na região. □

Notas

1. Admiral Craig S. Faller, “The Statement of Admiral Craig S. Faller Commander, United States Southern Command, before the 116th Congress, Senate Armed Services Committee Subcommittee on Emerging Threats and Capabilities,” 9 July 2019, https://www.armed-services.senate.gov/imo/media/doc/Faller_07-09-19.pdf.

2. Jennifer Hillman et al., and David Sacks, “China’s Belt and Road: Implications for the United States,” *Independent Task Force Report* No. 79, March 2021, <https://www.cfr.org/report/chinas-belt-and-road-implications-for-the-united-states/>.

3. Mark P. Sullivan, and Thomas Lunn, “China’s Engagement with Latin America and the Caribbean,” 1 July 2021, <https://crsreports.congress.gov/product/pdf/IF/IF10982>.

4. Ibid.

5. Oliver Stuenkel, “Vaccine Diplomacy Boosts China’s Standing in Latin America,” 11 June 2021, <https://foreignpolicy.com/2021/06/11/vaccine-diplomacy-boosts-china-in-latin-america/>.

6. The White House, “FACT SHEET: Biden-Harris Administration Announces Allocation Plan for 55 Million Doses to be Shared Globally,” 21 June 2021, <https://www.whitehouse.gov/briefing-room/statements-releases/2021/06/21/fact-sheet-biden-harris-administration-announces-allocation-plan-for-55-million-doses-to-be-shared-globally/>.

7. House of Foreign Affairs Committee, “China Regional Snapshot: South America,” 16 March 2021, <https://gop-foreignaffairs.house.gov/china-regional-snapshot-south-america/>.

8. Department of State (Public Notice 11188), “Determination Pursuant to the Foreign Missions Act,” 24 August 2020, <https://www.federalregister.gov/documents/2020/08/24/2020-18525/determination-pursuant-to-the-foreign-missions-act>.

9. 117th Congress, “CONFUCIUS Act,” 4 March 2021, <https://www.congress.gov/bill/117th-congress/senate-bill/590>.

10. Jamie P. Horsley, “It’s Time for a New Policy on Confucius Institutes,” 1 April 2021, <https://www.brookings.edu/articles/its-time-for-a-new-policy-on-confucius-institutes/>.

11. Embassy of the Peoples Republic of China in Ecuador, @EmbajadaChinaEc. Twitter Post. 23 July 2021 8:30 PM, <https://twitter.com/EmbajadaChinaEc/status/1418730146790584321>.

12. Oliver Stuenkel, “Latin American Governments Are Caught in the Middle of the U.S.-China Tech War,” 26 February 2021, <https://foreignpolicy.com/2021/02/26/latin-america-united-states-china-5g-technology-war/>.

13. Ministerio de Ciencia, Tecnología e Innovación, “Estación CLTC—CONAE—NEUQUEN,” 2021, <https://www.argentina.gob.ar/ciencia/conae/centros-y-estacione/estacion-cltc-conae-neuquen>.

14. Lara Seligman, “U.S. Military Warns of Threat From Chinese-Run Space Station in Argentina,” 8 February 2019, <https://foreignpolicy.com/2019/02/08/us-military-warns-of-threat-from-chinese-run-space-station-in-argentina/>.

15. Katherine Koleski, and Alec Blivas, “China’s Engagement with Latin America and the Caribbean,” *U.S.-China Economic and Security Review Commission*, 17 October 2017, https://www.uscc.gov/sites/default/files/Research/China's%20Engagement%20with%20Latin%20America%20and%20the%20Caribbean_.pdf.

16. Ibid.

17. Timothy R. Heath, “China Maritime Report No. 8: Winning Friends and Influencing People: Naval Diplomacy with Chinese Characteristics,” *US Naval War College Digital Commons*, 10 September 2020, <https://digital-commons.usnwc.edu/cmsi-maritime-reports/8>.

18. Ibid.

19. Pepe Zhang, and Tatiana Lacerda Prazeres, “China’s Trade with Latin America is Bound to Keep Growing. Here’s why that Matters,” 17 June 2021, <https://www.weforum.org/agenda/2021/06/china-trade-latin-america-caribbean/>.

20. Ibid.

21. China Power Team, “Does China Dominate Global Investment?,” *China Power*, 26 September 2016, Updated 28 January 2021, Accessed 9 December 2021, <https://chinapower.csis.org/china-foreign-direct-investment/>.

22. Anna Gelpern, Sebastian Horn, Scott Morris, Brad Parks, and Christoph Trebesch, “How China Lends: A Rare Look into 100 Debt Contracts with Foreign Governments,” 31 March 2021, <https://www.cgdev.org/sites/default/files/how-china-lends-rare-look-100-debt-contracts-foreign-governments.pdf>.

23. Katherine Koleski, and Alec Blivas. (2017).



Tenente Andres Anello, USAF

O Tenente Anello é um oficial de inteligência encarregado do Esquadrão de Ataque 482, base da Força Aérea dos EUA em Shaw, Carolina do Sul. Ele é membro ativo do LEAP desde 2013. Suas missões anteriores incluem a Royal Air Force (RAF) em Mildenhall, Reino Unido e a base da Força Aérea dos EUA em Barksdale, Louisiana.



Terceiro-Sargento Marcos Alfonso, USAF

O Taifeiro Primeira Classe Marcos Alfonso é analista de inteligência do Esquadrão de Ataque, base da Força Aérea dos EUA em Shaw, Carolina do Sul. Esta é a sua primeira missão.